

APÓLICE

A REVISTA DO MERCADO DE SEGUROS

Suplemento Especial Longevidade



História de amor iniciada na terceira idade: o casal Cledí e Osvaldo mostra sua arte durante o evento

Vida longa para homens e mulheres

Especialistas debateram, durante o IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros, as diferenças de prioridades entre os gêneros. Para as mulheres, a melhor idade traz a liberdade; para os homens, uma carga de dúvidas e dependências.





A diferença no processo de envelhecimento entre gêneros – homens e mulheres – foi o tema central do IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros, realizado pelo Grupo Bradesco Seguros no dia 15 de outubro, em São Paulo. Hoje, aqueles que têm mais de 60 anos de idade representam um universo de 20 milhões de pessoas que, em 2050, chegará a 65 milhões, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse crescimento se deve ao aumento da expectativa de vida, fruto dos avanços da medicina e do acesso à informação e ao consumo, em razão de melhores condições tanto no campo como nas cidades.

Ao convidar os participantes para a reflexão sobre essa nova realidade, o presidente do Grupo Bradesco Seguros, Marco Antonio Rossi, lembrou que, por iniciativa de líderes como Lázaro Brandão, presidente do Conselho de Administração do Bradesco, e Luiz Carlos Trabuco Cappi, presidente do Banco Bradesco, o tema da longevidade integra hoje o DNA da empresa e é indispensável para se pensar o futuro, na perspectiva de um país mais experiente no qual convivem diferentes gerações de brasileiros e brasileiras.

Rossi ressaltou que a Fundação Bradesco atende hoje a mais de cem mil crianças em todo o país e que, ao longo das últimas décadas, milhares delas passaram por suas escolas e já ingressaram, como milhões de brasi-



Os especialistas Claudia Burlá, Mirian Goldenberg, Alexandre Kalache e Maria Victoria Zunzunegui durante debate

leiros, nas estatísticas da longevidade.

E foi justamente sobre esse aumento da expectativa de vida e sobre as diferenças entre gêneros que se debateram especialistas e palestrantes ilustres, no IX Fórum da Longevidade. Afinal, quem nasceu em 2010 tem uma expectativa de vida de 73 anos, enquanto quem nascerá em 2050 já contará com 81 anos. Os dados levam em conta o passado, pois há 50 anos essa expectativa era de apenas 60 anos. A diferença, tanto no passado como no presente, está no fato de que as mulheres têm, em média, sete anos a mais de vida que os homens.

O médico e gerontólogo Alexandre Kalache, consultor do Grupo Bradesco Seguros para temas relacionados à longevidade, lembra que existem hoje 700 milhões de pessoas no mundo com mais de 60 anos, população que poderá chegar a dois bilhões nas próximas três décadas. Ele lembra também que

muitas mulheres buscam mais os médicos e os cuidados preventivos, enquanto boa parte dos homens adia esse encontro, só recorrendo a médicos e exames quando, muitas vezes, os cuidados preventivos não surtem mais efeito - o que é um dos fatores que explica o fato de elas viverem mais.

Como o Brasil é um dos primeiros no ranking dos países que mais envelhecem, o tema ganha ainda mais relevância. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2013, divulgada pelo IBGE, mostra que as pessoas com 60 anos ou mais correspondem a 13% da população, o que equivale a 26,1 milhões de idosos no país. Em 2050, a projeção é que este grupo alcance 64 milhões, equiparando-se ao Japão.

A questão do gênero - explica Kalache, que mediu diversos painéis no evento - está diretamente relacionada ao papel social desempenhado por

homens e mulheres. As mudanças no mercado de trabalho e na perspectiva de longevidade revelam, também, que as mulheres estão mais ativas economicamente e menos disponíveis para o papel de cuidadoras que exerciam anteriormente.

“As mudanças demográficas provocam impacto em todas as políticas governamentais, incluindo, além da saúde, as áreas da educação, da família, do trabalho, da previdência e da assistência”, ressalta Lúcio Flávio de Oliveira, presidente da Bradesco Vida e Previdência e vice-presidente da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (FenaPrevi).

A bela velhice

Ao olhar à nossa volta, é fácil perceber a quantidade de pessoas acima de 60 anos de idade que mantêm uma vida ativa. A antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mirian Goldenberg, comentou o texto de sua coluna semanal no jornal Folha de S. Paulo que deu origem ao estudo “A bela velhice”. Quando publicou sua crônica, Mirian recebeu centenas de e-mails de homens e mulheres que abriram caminho para a pesquisa. A partir daí, a antropóloga entrevistou 1.700 pessoas com mais de 60 anos para descobrir o que pensam, quais são suas preocupações e frustrações e qual a receita para ser uma pessoa ‘ageless’, ou seja, do tipo que não se torna invisível, apagada e infeliz ao atingir a maturidade.

Mirian conta que, entre as principais conclusões da pesquisa, destaca-se a de que não é preciso ser celebridade para ser feliz, mas sim ter um projeto de vida, com pequenas e grandes escolhas do cotidiano. “Para os homens, nessa fase da vida, o trabalho precisa ter um significado, porque eles querem continuar sentindo-se úteis e ativos, mas não por obrigação”, afirma, acrescentando que, nessa etapa, todos querem ser seu melhor “eu”, eliminando da vida tudo o que impeça sua evolução.

Para uma bela velhice, frisa Mirian, o conceito de tempo tem que

mudar. O tempo que era dedicado ao outro e para satisfazer demandas externas deve ser dedicado a si próprio. “O tempo é para mim. A prioridade é cuidar de mim, no tempo da escolha e não da obrigação. O tempo é um patrimônio.”

Mirian afirma que as mulheres, mais do que os homens, falam de uma conquista que elas só alcançam na velhice: a liberdade. Muitas que viveram um casamento ou a cultura do corpo como uma prisão afirmam: “Hoje, com mais de 60 anos, sou livre pela primeira vez na minha vida”.



Mirian Goldenberg

As diferenças de gênero aparecem em vários momentos da pesquisa. Quando a pergunta versa sobre quem será encarregado dos cuidados com a pessoa na velhice, as mulheres respondem: “Quem vai cuidar de mim são minhas amigas, minha família escolhida”. Já os homens dizem, de forma emocionada: “Quem vai cuidar de mim é a minha esposa, são meus filhos e meus netos”. As mulheres quase nunca falam da família. Mirian afirmou que há uma inversão na maturidade, porque os homens retornam ao seio da família e recebem o carinho e o afeto que não receberam quando eram jovens e tinham que se dedicar ao trabalho. “É um momento libertador para homens e mulheres”, comenta.

No Brasil, segundo a antropóloga, as mulheres têm receio de envelhecer porque veem no seu corpo as temidas mudanças. Na fase dos 40 aos 50 anos,

enfrentam uma crise, não por terem ficado ‘velhas’, mas por se perceberem invisíveis. “Quando eu pergunto”, diz Mirian, “se você deixaria de usar alguma roupa porque envelheceu, 91% dos homens dizem não, mas 96% das mulheres dizem que já mudaram. Elas cortam o cabelo, deixam de lado as saias mais curtas e o biquíni”.

Mirian ressaltou o que de mais importante aprendeu com a sua pesquisa: para viver bem, é preciso ter saúde e um pouco de dinheiro; mas, acima de tudo, é preciso dar risadas. “Das mulheres pesquisadas, 32% dizem que não são felizes porque são perfeccionistas, insatisfeitas, críticas, preocupadas, estressadas, exaustas e inseguras. Elas não têm tempo para rir. No entanto, 60% das mulheres querem ser mais livres, felizes e leves. Querem rir mais”, aponta. Isso, segundo ela, deve-se ao fato de as mulheres estarem livres da opinião dos outros.

A antropóloga destacou que a única categoria social que inclui todo mundo é “velho”. “Nós somos classificados como homem ou mulher, homo ou heterossexual, negro ou branco, mas velho todo mundo é, hoje ou amanhã. Por isso, como nos movimentos libertários do século passado, deveríamos vestir uma camiseta com os dizeres: ‘eu também sou velho’ ou ‘velho é lindo’”, concluiu.

Saúde para a maturidade

O século XXI é considerado o século do envelhecimento da população, e o que chama a atenção é que o segmento populacional que mais cresce é o de pessoas com mais de 80 anos, apontou a médica Claudia Burlá, em palestra apresentada no IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros. Para a especialista em Geriatria pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, o grande desafio da sociedade é como cuidar das pessoas que alcançaram essa faixa etária.

O envelhecimento é um processo universal, que não pode ser bloqueado. Cabe aos técnicos estudar como

lidar com suas vicissitudes. Homens e mulheres envelhecem de forma diferente e, apesar de viverem mais, elas também são mais frágeis. “Quando adoece, o homem tende a morrer mais rapidamente. Já as mulheres tendem a ter um processo mais lento de terminalidade da vida”, explicou Claudia. É essa heterogeneidade da velhice o grande desafio.

Segundo a médica, ao envelhecer, a terminalidade da vida torna-se mais complexa. Por isso, é necessário saber o que é prevalente nas pessoas de ambos os sexos. “O homem é mais solitário na velhice”, disse Claudia, levando em conta sua percepção clínica. “Ao longo da vida, sua sociabilidade é melhor, principalmente por conta do trabalho. A mulher, por inúmeras necessidades, acaba tendo diferentes focos de inserção. Dois cromossomos X fazem uma enorme diferença”, afirma.

Casais que envelhecem juntos também apresentam particularidades, abordando, ao final da vida, questões

que lhes foram caras durante esse período. “É no leito de morte que segredos são revelados entre casais e entre pais e filhos. É importante dar oportunidade para ressignificar essas situações”, pontuou Claudia.

“Pessoas com pendências têm muito mais dificuldade para morrer e respondem mal ao tratamento. Cabe a nós, profissionais da saúde, sermos facilitadores desse tipo de situação”, afirmou.

Segundo a geriatra, é difícil dizer para uma pessoa que ela tem um problema que não pode ser revertido, e que, portanto, precisa ser aceito. Ainda de acordo com a especialista, homens toleram menos situações de dependência.

Ao lado de um homem mais velho dependente há sempre uma mulher, afirmou Claudia. Ou é a companheira, ou uma ex-mulher, ou uma filha que vai cuidar de seu pai. Em famílias mais numerosas, normalmente são as filhas mulheres que cuidam do pai ou da mãe. Para a especialista, isso se

deve ao “duplo cromossomo ‘X’”: a mulher tem, talvez, o talento de ficar atenta aos detalhes e cuidar daquele que necessita.

Um grande divisor de águas para as pessoas idosas são os acidentes domésticos, as quedas que acontecem normalmente dentro do domicílio.

A geriatra declarou que não se podem deixar sozinhos os idosos nesse momento de terminalidade. Segundo ela, é muito frequente, nos ambientes hospitalares, não se permitir a presença do cônjuge ou de pessoas significantes do final da vida. A perversidade do sistema, frisou, faz com que as pessoas sejam separadas, mas é preciso lembrar que a doença faz parte do ciclo da vida de uma pessoa.

Claudia enfatizou a necessidade de nos adaptarmos aos processos de cuidados e sermos otimistas, mesmo nas situações mais adversas. “O mau humor envelhece e é sempre melhor valorizar o contato. Lo-Tech, Hi-Touch (Baixa Tecnologia, Alto Contato)!” finalizou.

Executivos da Bradesco Seguros destacam importância do autocuidado



No balanço que fizeram do evento, em entrevista coletiva à imprensa, o presidente da Bradesco Saúde e Mediservice, e também presidente da Federação Nacional de Saúde Suplementar (FenaSaúde), Marcio Coriolano, e o presidente da Bradesco Vida e Previdência e vice-presidente da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (FenaPrevi), Lúcio Flávio de Oliveira, reforçaram a importância do autocuidado, abordado por palestrantes em debates, como elemento fundamental para essa conquista.

De acordo com Marcio Coriolano, vivemos hoje três importantes transições: a demográfica, com a redução

do crescimento populacional; a epidemiológica, com a transformação de doenças antes fatais em doenças crônicas, como a AIDS e alguns tipos de câncer; e a tecnológica, com mais remédios e mais materiais e equipamentos médicos. “Tudo isso implica altos custos, e é importante que as pessoas tomem consciência e comecem a levar uma vida mais saudável”, afirmou. Marcio Coriolano destacou o trabalho de prevenção realizado em empresas, citando o programa Juntos pela Saúde, do Grupo Bradesco Seguros, que recomenda ações de prevenção, incluindo desde material explicativo até a elaboração de programas específicos de gestão de patologias, com impacto positivo no custo-benefício.

O presidente da Bradesco Vida e Previdência, Lúcio Flávio de Oliveira, lembrou que há outros tipos de impacto no processo de envelhecimento, além do físico e do financeiro. “Não podemos nos limitar à assistência e à prevenção, precisamos tratar do cuidado como um todo, ao longo da vida do cliente”, afirmou. Segundo ele, em média, uma pessoa gasta com saúde, nos últimos cinco anos de vida, tanto quanto no decorrer de toda a sua vida. Nesse sentido, destacou as ações do Grupo Bradesco Seguros voltadas a estimular a conquista da longevidade com qualidade de vida e bem-estar, a exemplo do próprio Fórum, do Circuito da Longevidade e de programas como o Porteiro Amigo do Idoso, que já qualificou mais de 600 desses profissionais, apontados pelos idosos como sendo seus melhores amigos.



John Gray

Maria Victoria Zunzunegui, professora de Saúde Pública e Envelhecimento da Universidade de Montreal, apresentou um estudo internacional sobre a mobilidade na velhice. Foram colhidos dados em cinco cidades: Natal (Brasil); Kingston (Ontário/Canadá); Manizales (Colômbia); Tirana (Albânia) e St. Hyacinthe (Quebec/Canadá).

A especialista explicou que o objetivo do programa é avaliar as diferenças das funções físicas no envelhecimento de homens e mulheres. Elas têm menos capacidade física do que os homens e mais dificuldade para se recuperar de problemas físicos.

Em Natal e Tirana, 60% das mulheres reportaram algum tipo de incapacidade para caminhar 400 metros. Em Kingston, esse índice cai para 18% das mulheres.

“Alguns pontos que podem explicar a menor capacidade física da mulher estão ligados ao estresse social da falta de segurança, com agravantes como a violência doméstica e o isolamento social”, afirmou Maria Victoria, acrescentando que a história reprodutiva também pode ser levada em conta, pois dar à luz antes dos 19 anos de idade e ter partos diversos aumenta os riscos de ter doenças crônicas: diabetes, hipertensão, doença cardiológica e osteoporose.

Ainda em sua apresentação, Maria Victoria aplicou na plateia um teste desenvolvido nos anos 70 para identificar as características de masculinidade e

feminilidade de cada pessoa, levando em conta padrões de construção social de cada gênero, baseados mais no comportamento do que nos determinantes de sexo. De acordo com a classificação do teste, cada indivíduo pode ser feminino, masculino, andrógino e indiferente. A conclusão é a de que os andróginos, por transitarem tanto pelo universo feminino quanto pelo masculino, tendem a ser mais longevos e saudáveis, ao lidarem melhor com os desafios da vida.

Um pouco de história e economia

Você sabia que mais de 67% dos trabalhadores que atuavam no processo de industrialização no Brasil eram mulheres? Que médicos e anarquistas diziam que lugar de mulher era em casa, cuidando dos filhos? Essas e outras informações foram apresentadas pela pesquisadora e historiadora Mary Del Priore, que estuda a presença da mulher no mercado de trabalho.

Até os anos 50 e 60, disse ela, era mais comum as mulheres cuidarem da casa. Até que a jornalista Carmem da Silva começou a difundir a ideia de que a mulher deveria “querer ser, buscar a identidade fora do ambiente doméstico”, explicou Mary. Ao trabalhar fora, a mulher esvaziava o poder do patriarca. “Na década de 70, ela educava os filhos para serem trabalhadores e as filhas para serem

donas de casa. Eram dois pesos e duas medidas”.

Com a democratização da pílula anticoncepcional, nos anos 80, a feminização de alguns postos de trabalho abriu oportunidades para as mulheres, mas sempre com salários inferiores aos dos homens. “A mulher, dona de seu corpo, começou a conquistar o mercado de trabalho e passou a educar suas filhas para serem profissionais. Nesse período, cresceu como nunca o número de divórcios e a violência contra a mulher”, lembrou Mary.

Em 1995, 45% das mulheres brasileiras já eram chefes de família, enquanto uma em cada cinco comandava a casa sozinha. Hoje, mais de 50% das mulheres são chefes de família.

No século XXI, afirmou Mary, o grande problema da mulher brasileira com mais de 35 anos continua a ser a família: ela sai para trabalhar e deixa os filhos em casa. “Na geração dos 20 aos 35 anos, temos uma reviravolta, porque é o momento em que a mulher escolhe entre ser mãe e trabalhar. Essa escolha significa a ruptura com um padrão de 1.500 anos”, disse a historiadora.

O caminho da felicidade

Autor do best-seller “Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus”, o psicólogo norte-americano John Gray trouxe para o IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros sua



Mary Del Priore

experiência. Em seu consultório, Gray recebe casais em busca de terapia para melhorar a vida a dois. Segundo ele, a condição primordial para ser longo é estar feliz no casamento. Pessoas casadas, afirmou, têm menos câncer, menos doenças cardíacas e menos Alzheimer. E, para ser feliz

no casamento, é importante olhar para algumas questões das diferenças de gênero. Sobre sexo, por exemplo, o especialista lembrou que o homem quer quantidade, enquanto a mulher prefere qualidade. É importante garantir um equilíbrio na vida conjugal. Do ponto de vista da saúde e do

bem-estar, Gray recomendou que as toxinas sejam eliminadas do corpo. Entre suas dicas, orientou beber água morna com limão todas as manhãs, de forma a estimular o fígado a produzir mais bílis para eliminar as toxinas. Para uma vida feliz, Gray ressaltou ainda a necessidade de

Bradesco Seguros premia reportagens, trabalhos científicos e histórias de vida durante IX Fórum da Longevidade

Durante o IX Fórum da Longevidade, foi realizada a cerimônia de entrega dos Prêmios Longevidade Bradesco Seguros. Em sua quarta edição, a premiação é considerada uma das mais importantes iniciativas do gênero no Brasil, nas modalidades de Jornalismo, Histórias de Vida e Pesquisa em Longevidade – esta última, lançada em 2014, com foco na comunidade acadêmica.

Veja, a seguir, os vencedores. Mais informações no site premiosdalongevidade.com.br.

Prêmio Longevidade Bradesco Seguros – Modalidade de Jornalismo

Categoria Mídia impressa – Jornal e Revista

- 1º Lugar – Fernando Jasper, jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, com a série de reportagens “O Brasil envelhece”.
- 2º Lugar – Karla Spotorno, Revista Valor Investe do Jornal Valor Econômico, com a matéria “Dez Passos para um Futuro Promissor”
- 3º Lugar – Vinícius Sassine, jornal O Globo, da sucursal Brasília, com a série de reportagens “Batalha no Fim da Vida”.

Categoria Mídia Eletrônica – Rádio, TV e Web

- 1º Lugar – Alessandra Dias, pela série de reportagens “Desafios da Longevidade”, da CBN de São Paulo.
- 2º Lugar – Débora Brito, pela reportagem “Novos Idosos, Novo Desafios”, veiculada pela TV Brasil, de Brasília.
- 3º Lugar – Simone Queiroz, pela matéria “Esperança contra o Alzheimer” veiculada pelo SBT Manhã.

Prêmio Longevidade Bradesco Seguros – Modalidade Pesquisa em Longevidade

Categoria Geriatria

- 1º Lugar – “Human Longevity is associated with regular sleep patterns, maintenance of slow wave sleep, and favorable lipid profile” (A longevidade humana está associada a padrões de sono regulares, manutenção de leves ondas de sono e perfil lipídico favorável), publicada na *Frontiers in Aging Neuroscience* – Dr. Diego Robles Mazzotti, da Universidade Federal de São Paulo.
- 2º Lugar – Estudo experimental que envolve duas das mais importantes condições clínicas associadas ao envelhecimento: artrite reumatoide e doença periodontal (“Preventive and therapeutic anti-TNF- α therapy with pentoxifylline decreases arthritis and the associated periodontal co-morbidity in mice”),

publicado pela Life Sciences, de Amsterdã – Dr. Celso Martins Queiroz-Junior, doutor em Biologia Celular pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Categoria Gerontologia

- 1º Lugar – “Argumentos morais sobre inclusão/exclusão de idoso na atenção à saúde”, publicado na *Revista Bioética*, de Brasília. O trabalho aborda seis argumentos morais propostos contra a internação hospitalar do paciente geriátrico no CTI. Quem recebeu o prêmio foi a Dra. Edna Estelita Costa Freitas, mestre em Clínica Médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 2º Lugar – Veiculado na publicação on-line *Occupational Medicine*, da Sociedade de Medicina Ocupacional do Reino Unido, o estudo “Complexity of lifetime occupation and cognitive performance in old age” verificou a associação entre níveis de complexidade da ocupação desenvolvida ao longo da vida e o desempenho cognitivo global na velhice. Quem recebeu o prêmio foi a Dra Priscila Cristina Correa Ribeiro, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Prêmio Longevidade Bradesco Seguros – Modalidade Histórias de Vida

- 1º Lugar – Tiago Silveira Meira Borges, de Caetité, interior da Bahia: “Todo Dia um Pregão na Parede: Marcas do tempo entre Neto e Avô”.
- 2º Lugar – Carmem Alves Ruchel, do Rio Grande do Sul: “A vida e o colar de pérolas”.
- 3º Lugar – Inês Amanda Streit, de Florianópolis, Santa Catarina: “A resiliência de Dona Inácia: uma história de superação no caminho para a longevidade”.



O presidente da Bradesco Vida e Previdência, Lúcio Flávio de Oliveira (penúltimo, da esq. para dir), e o diretor da Bradesco Seguros, Alexandre Nogueira (à esq.), participam da premiação

se viver sem ressentimentos, com alegria e bom humor.

E quem esbanjou bom humor, como sempre, foi o jornalista e escritor Zuenir Ventura, 83 anos, colunista do jornal O Globo e autor de best-sellers como “Cidade Partida” e “1968 – O ano que não terminou”. Em palestra em forma de entrevista concedida ao médico e gerontólogo Alexandre Kalache, consultor de Longevidade do Grupo Bradesco Seguros, Zuenir contou ‘causos’ de sua vida e mostrou a paixão por sua esposa, com quem divide a vida há 51 anos. “Não acredito em vida sem emoção. O melhor jornalista é aquele que escreve com o emocional, pois, sem isso, a matéria vira um relatório”.

Otimista, Zuenir falou de suas caminhadas pelo calçadão de Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro, e sobre seus amigos, como Ziraldo e Luis Fernando Verissimo. “Tenho poucos amigos porque não dou conta de conversar com todos eles. Mas a amizade é melhor do que o amor, porque não tem cláusula de exclusividade nem exigência de libido”, brincou. Sobre as mudanças tecnológicas que presenciou ao longo da vida, o jornalista observou que um meio de comunicação não necessariamente elimina outro. “Temos é que nos adequar às novas exigências. Confesso que sou um ‘analfabete’ e que minha neta de cinco anos é quem me ensina muitas coisas”, concluiu.



Zuenir Ventura

II Fórum Internacional da Longevidade



Um espaço para aprofundamento e troca de experiências. Assim o médico e gerontólogo Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (International Longevity Centre - ILC-Br) e consultor do Grupo Bradesco Seguros para assuntos relacionados à longevidade, definiu o II Fórum Internacional da Longevidade, realizado nos dias 16 e 17 de outubro, no Rio de Janeiro. O evento, que reuniu cerca de 300 pesquisadores de todo o mundo, dando sequência aos debates iniciados no IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros, foi promovido pelo ILC-BR, com o apoio do Grupo Bradesco Seguros, Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), WDA (World Demographic Forum Ageing) e UNFPA (Fundo das Nações Unidas para a População).

Marcio Coriolano, presidente da Bradesco Saúde e da Mediservice, e também da FenaSaúde, ressaltou, na abertura do Fórum, a importância de o Rio sediar o encontro, a crescente expectativa de vida daqueles que passaram dos 60 anos e a necessidade de desenvolvimento de produtos que correspondam aos desafios impostos

pela longevidade. Promovido pelo ILC-Brazil, com apoio do Grupo Bradesco Seguros e do Fórum Mundial de Demografia e Envelhecimento (WDA Forum), o evento teve como tema “Envelhecimento e Gênero”, reunindo especialistas dos cinco continentes.

Na primeira palestra, “Uma perspectiva acadêmica sobre gênero e envelhecimento”, a pesquisadora Sara Arber, da Universidade de Surrey (Reino Unido), apontou os três tipos de recursos mais importantes para a qualidade de vida dos idosos: materiais (renda e bens), de saúde e assistenciais. Seu foco principal foram os assistenciais, sobre os quais destacou quatro aspectos que impactam diretamente a atenção e o cuidado dispensados aos idosos.

O primeiro é o demográfico, uma vez que a população mundial vem envelhecendo rapidamente, sobretudo nas chamadas economias emergentes; o segundo são as mudanças familiares, já que cresce o número de famílias nucleares (formadas somente por casais ou viúvas) e com poucas crianças, ocasionando pouca disponibilidade de cuidadores no interior das próprias famílias; o terceiro fator é o

aumento do emprego de mão de obra feminina, que onera o pagamento de aposentadorias; e o quarto e último ponto são as migrações, que implicam a escassez de adultos para cuidar dos idosos nas regiões e países de origem. “Todos esses fatores afetam a disponibilidade de recursos para a atenção aos idosos, principalmente nas classes mais baixas”, afirmou Sara.

Em seguida, o holandês Willem Adema, economista-sênior da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), falou sobre “Gênero e envelhecimento – perspectivas econômicas e oportunidades”. Ele afirmou que o Brasil apresenta um gasto adequado com pensões e aposentadorias, em relação ao PIB, mas que os chamados cuidados de longa duração ainda são praticamente nulos.

De acordo com o economista, as mulheres ainda recebem menos do que os homens em termos de pensões no mundo. Porém, nos países da OCDE, graças ao seu crescente nível de instrução, elas têm grande chance de ganhar cada vez mais, o que as ajuda a aumentar sua contribuição nos lares. Segundo ele, cresce o número de países onde é possível para um casal escolher qual dos dois vai deixar de trabalhar para cuidar dos filhos. Isso, porém, ainda não acontece quando o que está em jogo é cuidar dos parentes idosos.

O envelhecimento no mundo

O painel “Envelhecimento e Gênero – perspectivas regionais” trouxe um panorama geral do envelhecimento na América Latina, Europa, América do Norte e Oceania. A conversa foi mediada pelo diretor no Brasil para o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Harold Robinson.

Participaram Guita Debert, da Universidade de Campinas (Unicamp); Toni Antonucci, da Sociedade Americana de Gerontologia; Vitalija Gaucaite Wittich, da Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (Unecep); e Gabrielle Kelly, do Instituto de Pesquisas Médicas e de Saúde do Sul da



Austrália. A condução foi do presidente do ILC-Brazil, Alexandre Kalache.

Entre os pontos comuns identificados pelos palestrantes, o destaque ficou para a diferença entre gêneros, pois, em todos os continentes, as mulheres ganham menos do que os homens e, como vivem mais, esse é um problema a ser enfrentado tanto do ponto de vista previdenciário como de políticas públicas.

A necessidade de educação para a convivência intergeracional (pessoas de diferentes gerações) e o papel do idoso na formação de mão de obra também foram abordados como importantes tanto para a economia quanto para a sociedade como um todo.

Equidade de gêneros em um mundo que envelhece

Na abertura do segundo dia do Fórum, Islene Araújo de Carvalho, da Organização Mundial da Saúde, destacou o boletim especial lançado em 2013 por essa entidade da ONU sobre as ações políticas voltadas para mulheres idosas. De acordo com a especialista, todas as ações governamentais ao redor do mundo veem a mulher apenas pelo aspecto da reprodução. “Não existem serviços voltados para as mulheres a partir de 45 anos. As outras políticas só se referem às maiores de 60 anos, quando já são idosas.”

Alexandre Kalache aproveitou para lembrar que é justamente nesse período que as pessoas têm de se pre-

parar para o restante da vida. Durante debate sobre os direitos da pessoa idosa, Monica Roque, da Secretaria para Crianças, Adolescentes e Famílias, do Ministério do Desenvolvimento Social da Argentina, defendeu o estabelecimento de uma convenção internacional sobre direitos dos idosos. Segundo ela, a projeção é que, em 2050, haverá em todo o mundo mais pessoas acima de 60 anos do que abaixo de 15, o que só aumenta a urgência dessa discussão. Segundo Monica, a população com mais de 60 com dependência moderada ou severa irá mais do que duplicar na América Latina até 2050, passando de 23 milhões para 50 milhões de idosos.

Especialistas brasileiros e internacionais, a exemplo de Ana Amélia Camarano, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apresentaram os dados macrossociais e macroeconômicos, indicando que as políticas públicas têm evoluído, mas que é necessário, cada vez mais, levar o tema ao debate da sociedade. A jornalista especializada em finanças Mara Luquet, da rádio CBN e da TV Globo, enfatizou a importância do planejamento financeiro, levando em conta a mudança de visão das famílias.

A exemplo do IX Fórum da Longevidade Bradesco Seguros, o II Fórum Internacional da Longevidade foi encerrado com bate-papo descontraído, conduzido pelo gerontólogo Alexandre Kalache, com o jornalista e escritor Zuenir Ventura.